

RESENHA

IDEOLOGIAS GEOGRÁFICAS

Antônio Carlos Robert Moraes
São Paulo: Hucitec, 2002. 156p.

Edvagno Jorge Batista Cardoso¹

Com a missão de discussão e uma visão mais aprofundada sobre ideologias o geógrafo Antônio Carlos Robert Moraes retrata em seu livro *Ideologias Geográficas* a influência da ideologia na geografia numa atitude reflexiva, mostra naturalmente a origem dessa influência em termos de mundo e Brasil. Ele ainda aborda e traz a tona uma reflexão do espaço geográfico como um imperativo para as discussões ideológicas na vertente da geografia crítica.

Inicialmente, discute fielmente a importância do espaço e a produção nele existente, nesse momento há uma valorização ideológica, e começa por em xeque as subjetividades da geografia, filosofia e sociologia num pequeno cruzamento de correntes ideológicas. Sobretudo a paisagem humana e a consciência de espaços nas diferentes modalidades geográficas, embora a geografia humana seja um pouco filosófica, mas não se deve cair no pragmatismo geográfico.

O autor denuncia a apropriação intelectual, dos espaços e de uma geografia incipiente que não atende os campos das ciências humanas. Entretanto o pensamento geográfico vagueia num conjunto de diversos discursos e sobre várias concepções da sociedade, de valores históricos e culturais que estabelecem elos com o pensar da geografia. Na realidade demonstra uma tentativa de explicações dos valores entre natureza, espaço e a sociedade nas diferentes ideologias geopolíticas.

Averigua se que o conceito de ideologia vai perder o sentido e dá espaço para a ciência política. Nesse sentido vários autores fazem alusões a ideologia, com a divisão social do trabalho e a subordinação às classes dominantes, o que exercita um conhecimento supremo e burguês. Já outras vertentes defendem uma visão de mundo com uma relação entre a política e a cultura, na qual essas ideologias são sistematizadas na geografia escolar. Ainda surge outra versão que se fundamentam nos valores étnicos, por sua vez alimentam as correntes

¹ Licenciado em Geografia e Especialista em Meio Ambiente e Sustentabilidade no Semi-árido pela UNEB/Campus VI – Caetitê-BA. Professor de Geografia do Colégio Estadual Pedro Atanásio Garcia.
E-mail: edvagno@hotmail.com

Estudos Geográficos, Rio Claro, 7(1): 191-193, 2009 (ISSN 1678—698X)

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/editor/submissionEditing/550>

geográficas sempre vinculando o espaço as questões sociais e com o mesmo discurso pragmático.

O perfil ideológico, da atuação entre países pobres e países ricos, das instaurações e quedas de poder de uma geração de teorias ligadas ao marxismo é evidente. Porém, a opção por questionamentos, política, cultura à sombra do capitalismo monopolista, trava lutas ferrenhas na elite da burguesia. Esse apego ao questionamento prioriza a liberdade intelectual, portanto as ideologias tanto alimentam o mecanismo estatal, quanto a autoconsciência, as manifestações sociais e toda elaboração política ou grupo que se mantêm numa corrente ideológica.

A luz da teoria marxista há um combate à ideologia do sistema capitalista, visa-se diminuir as desigualdades sociais, econômicas e de poder em oposição às ideologias burguesas. Então surgem autores que aderem ao marxismo, como Trotsky, Lênin, Stalin e outros. Nesse mesmo horizonte mais líderes e pensadores se manifestam como Gramsci, Luckas e Max Weber na teoria ou com movimentos revolucionários. Nesse instante há uma ramificação da existência do individual da autoconsciência e de valores como cidadão.

As críticas aos sistemas se aprofundam aos diversos teóricos, a realidade do socialismo aflora e também o desconforto dos teóricos marxistas. Doravante há duas estruturas marxistas, uma de perspectiva estrutural e a outra de corrente historicista. Nesse intuito é só uma grande preocupação do autor em discutir a geografia nas concepções de teóricos marxistas, de indagações e valorização a política, a democracia e a liberdade. Um cardápio marxista pra diferentes paladares.

Noutro ângulo as ideologias de uma geografia determinista sempre tiveram sua importância na imposição imperialista em países subdesenvolvidos. No Brasil expressa com o expansionismo lusitano, com a escravidão e a ditadura militar. A conquista do território, a construção de uma sociedade e a inserção da cultura ocidental manifesta na ideologia teológica de poder. O que vale é o interesse do conquistador, a ideologia do conquistado é suprimida e também qualquer manifestação de “nativos”. O escravagismo é uma forma expressa de hegemonização pela força bruta e ideológica.

Nesse processo de formação territorial brasileiro, surgem ideologias regionais, movimentos e projetos separatistas. Isso demonstra uma resistência às ideologias geográficas positivistas. Portanto, começa ter um país com diferentes identidades regionais e diversos grupos de interesses. Porém com o surgimento de ideologias modernizadoras acabam com estes

sentimentos regionalistas e com os “Brasis.” Inicia uma nova fase de construção de raízes nacionalistas e eficazes na sociedade.

No Brasil a geografia foi moldada pelas correntes geográficas de cada época. O discurso começa com produções descritivas e sofre mutações com as influências ideológicas, e passa a ser analítico. Expressa uma “cultura ornamental” com ideologias burguesas, com a imposição dos barões e o “sorriso da sociedade”. O que se pode afirmar é que não existe uma matriz da geografia brasileira apenas uma geografia adaptada às correntes geográficas.

É uma geografia do estado, da ditadura militar, patrimonialista de sustentação da minoria e sem nenhum comando sobre as políticas territoriais. O ranço da aristocracia escravocrata e ditatorial ainda reflete ideologicamente como sustentáculo das esferas do poder.

Por último o autor elucida a conjuntura social na constituinte. A almejada geografia renovadora, de transformação social, todavia é uma constituinte com membros da elite e defendendo seus interesses. Nesse momento a intervenção das virtudes teóricas geográficas é mais acentuada, o geógrafo brasileiro procura desgarrar do determinismo e inserir em uma outra concepção. Esses anseios são ponderados sutilmente pelo Estado, e a geografia é ainda apresentada de forma tímida e sem poder de transformação social. Com a constituinte aumenta o campo de ação dos geógrafos, em suas diferentes roupagens e concepções, entretanto deu-se com uma geografia em crise, sem autonomia e espelhada em correntes exteriores.

Moraes explora a ideologia e sua influência na geografia demonstrando o quão de importante foi para os geógrafos brasileiros. Por outro lado mostra a ideologia como forma de autoritarismo e de imposição à subserviência, fato de opressão às ciências, a crítica e, sobretudo aos avanços intelectuais. A mesma ideologia que liberta, pode ser a que reprime, depende em que mãos se encontram essa ferramenta de poder.

Contudo, é evidente que a geografia brasileira não tem uma identidade nacional, ela se camufla nos reflexos das correntes francesas, alemãs, no marxismo e outras, ficando a serviço da elite do país. Seu lado social é obscuro e apresenta deficiências críticas, não surte o efeito necessário e não faz uma transformação social de maior abrangência. Apenas sintetizou e reproduziu as ideologias internacionais com geógrafos brasileiros.

Recebido em novembro de 2007

Aprovado em dezembro de 2009